

A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS: ASPECTOS DE SUA GÊNESE E CONSTITUIÇÃO

Clarice Rego Magalhães

Giana Lange do Amaral

Resumo

Este trabalho aborda a gênese e constituição de uma instituição de ensino de arte: a Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA). O objetivo do estudo é esclarecer quais foram as condições que possibilitaram a criação da EBA em março de 1949. A constituição desta narrativa histórica tem por base fontes escritas, formadas pelos arquivos da própria instituição, pelo arquivo particular da família da fundadora da Escola, por periódicos locais e por trechos do diário da fundadora, além de fontes orais. Pela análise das fontes, concluímos que o nascimento da EBA se deu por uma conjunção de fatores, os quais seriam a vocação cultural da cidade, oriunda da sua história peculiar, e a atuação de personalidades que, naquele momento, fizeram acontecer o fato histórico.

Palavras-chave: Escola de Belas Artes; Instituição de Ensino de Arte; História da Educação; História das Instituições Escolares.

THE ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS: ASPECTS OF ITS GENESIS AND CONSTITUTION

Abstract

This work examines the genesis and constitution of an art teaching institution: the Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA). The purpose of this study is to elucidate the conditions which made possible the creation of EBA in March, 1949. This historic account is based on written sources, namely the institution's archives, the school founder's family private archives, local journals and excerpts from the founder's diary, besides oral sources. The analysis of the sources led us to conclude that the birth of EBA occurred as the result of a conjunction of factors which are the town's cultural inclination, derived from its peculiar history, and the actions of some individuals that, at that moment, made the historic fact happen.

Keywords: Escola de Belas Artes (Fine Arts School); Art Teaching Institution; History of Education; Teaching Institutions History.

LA ESCUELA DE BELLAS ARTES DE PELOTAS: GÉNESIS Y CONSTITUCIÓN

Resumen

Este ensayo enfoca la concepción y formación de una escuela de arte em Pelotas: la ‘Escola de Belas Artes’ (EBA). El objeto del estudio es aclarar cuales fueron las condiciones que permitieron la creación de la EBA em Marzo de 1949. Se trata de um relato histórico apoyado em fuentes escritas, tales como los archivos de la institución, el archivo familiar de la fundadora de la Escuela, periódicos de la época, extractos del diario de la fundadora, además de deposiciones verbales. A través del análisis del material citado se puede concluir que el surgimiento de la EBA ocurrió gracias a uma conjunción de factores: la vocación cultural de la ciudad, debida a peculiaridades de su historia, y la actuación de personalidades notables que, en aquel momento, desencadenaron el hecho histórico.

Palabras clave: Escola de Belas Artes; Institución para el Ensino de las Artes; Historia de la Educación; Historia de las Instituciones de Ensino.

L'ÉCOLE DE BEAUX ARTS DE PELOTAS: ASPECTS DE SA GÉNÈSE ET CONSTITUTION

Résumé

Cet essai registre la conception et l'établissement d'un institut pour l'enseignement des arts à Pelotas nommé "Escola de Belas Artes de Pelotas" (EBA). L'objet de l'étude est de dévoiler les conditions qui ont permis que l'EBA ait été créée em mars 1949. Il s'agit d'un compte-rendu historique qui s'appuie sur des sources écrites constituées par les archives de l'École, l'archive familiale de la fondatrice de l'École, des journaux de l'époque, des extraits du journal particulier de la fondatrice, et des dépositions verbales. Par l'analyse de ce matériel on arrive à conclure que la naissance de l'EBA résulte d'une conjonction de facteurs, à savoir, la vocation culturelle de la ville, due à de particularités de son histoire, et à l'action de personnalités remarquables qui ont, à um moment donné, déterminé le fait historique.

Mots-clés: Escola de Belas Artes (Ecole de Beaux Arts); Institut pour l'Enseignement des Arts; Histoire de l'Education; Histoire des Institutions d'Enseignement.

Introdução

Este trabalho se propõe a abordar a gênese e constituição de uma instituição de ensino de arte: a Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA). O objetivo do estudo, tentar esclarecer quais foram as condições que possibilitaram a criação da EBA em 1949.

A instituição existe até hoje, é o atual Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas (IAD/UFPEL). A Escola de Belas Artes foi agregada quando da fundação da UFPEL, em 1968, como uma de suas unidades constituintes, e foi absorvida pela mesma em 1973. Hoje, é referência na cidade e região no ensino e produção em artes visuais e design gráfico. Com este estudo busca-se investigar como se deu o seu nascimento, com suas especificidades e peculiaridades, pois o IAD, até há pouco, não conhecia as suas origens.

A constituição desta narrativa histórica tem por base fontes orais, ou seja, relatos de pessoas que participaram da gênese e primórdios desta instituição de ensino, e fontes escritas, constituídas por documentos oficiais e não oficiais, por periódicos locais e pelo diário pessoal da fundadora da Escola.

Este estudo, na área da História das Instituições Educativas, realça a história regional, buscando relacionar a singularidade com a totalidade, e pretende se constituir em uma contribuição para a história das instituições educativas em nível superior no Brasil, mormente para as de ensino de arte.

O texto está ancorado na proposta teórica da História Cultural. O primeiro passo para a realização do estudo foi a busca pelas fontes que, como se sabe, são a matéria-prima para a construção de toda narrativa histórica, pois sem fontes não há historiografia. Entretanto, com as fontes em mãos, é importante ter cautela quanto ao seu uso. Não podemos acreditar na sua objetividade. O documento não pode ser tomado em si mesmo, mas sim, no processo de análise, deve ser criticado, relativizado.

As fontes resultam das escolhas e precisam da abordagem do historiador para que possam “falar”. Devemos saber como transformá-las em historiografia, pois:

as fontes não falam per se. São vestígios, testemunhos que respondem às perguntas que lhes são apresentadas. A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. [...] A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados (accertabilità) sobre o passado. (RAGAZZINI, 2001, p. 14)

Segundo o autor, para encontrar é necessário procurar e estar disponível e preparado para o encontro, pois não basta olhar, é necessário ver. E para reconhecer é necessário atribuir significado, isto é, ler e indicar os signos e os vestígios como sinais.

Para a realização deste estudo, foram utilizados dois tipos de fontes: escritas e orais. Delgado (2006, p. 25) afirma que História Oral e pesquisa documental caminham juntas e se auxiliam de forma mútua: a relação história oral e pesquisa documental seria bidirecional e complementar. No caso específico desta pesquisa, que se propõe a estudar a fase germinal de uma Instituição, a possibilidade de as entrevistas esclarecerem as lacunas deixadas pelos documentos ainda é grande, pois pessoas que estiveram presentes e participaram deste processo desde o seu início ainda vivem e estão dispostas a disponibilizar seus relatos. A seguir, faremos algumas considerações sobre as fontes escritas e as fontes orais que constituíram o presente trabalho.

As fontes escritas têm três origens principais: o arquivo da própria Instituição, os periódicos da época e um acervo particular. O arquivo da Instituição se encontrava, no momento da pesquisa, sob a guarda do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

(MALG), da UFPEL, e era constituído por documentos relativos aos 23 anos da Escola de Belas Artes. Este arquivo embora pequeno, não estava organizado, o que dificultou a busca dos dados.

Outras fontes escritas utilizadas foram os periódicos locais *Diário Popular*, *A Opinião Pública* e *Jornal da Tarde*. Como afirma Bastos (2002, p.153):

a análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema, mas também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente. Trata-se, por isso, de um corpus essencial para a história da educação.

A utilização de jornais diários como fonte na pesquisa histórica é um procedimento complexo, que exige conhecimento do contexto, das condições histórico-sociais e políticas em que foram produzidos estes documentos para não se correr o risco de fazer uma descrição ingênua, sem a consciência de todo um “não-dito” implícito. Sobre os cuidados necessários no trabalho com impressos, a autora esclarece que

cabe ao pesquisador fazer uma desmontagem do texto – da imprensa – a fim de desvelar os significados, as contradições e as diferenças de forma e de conteúdo das falas que produz. Esta desmontagem significa análise do processo e das condições de sua produção/construção, a partir dos discursos disponíveis. (BASTOS, 2002, p. 153)

Além dos documentos da própria Instituição e dos periódicos, há outras fontes às quais tivemos acesso: o acervo particular da família de D. Marina de Moraes Pires, fundadora da Escola, constituído por duas pastas com documentos que abarcam desde os antecedentes da fundação da Escola até a sua

federalização. Também utilizamos como fontes escritas trechos do diário pessoal de D. Marina, nos quais ela relata os esforços, as movimentações, os êxitos e os fracassos na sua luta para que Pelotas tivesse uma Escola de Belas Artes.

Aqui, abrimos um parêntese nas considerações sobre as fontes para esclarecer a questão das fotografias utilizadas neste trabalho. Estas fotografias serão utilizadas neste caso apenas como ilustração, e não como objeto ou fonte de investigação. As fotos não estão colocadas com o propósito de serem analisadas. Leite (2000, p.146), em seu texto sobre leitura da fotografia histórica lembra que, nos trabalhos de Ciências Humanas, é freqüente a utilização da fotografia como ilustração do texto, representando apenas a vitrine, através da qual o leitor pode tomar um contato imediato e simplificado com o texto. Então, neste caso, o conteúdo aparente da fotografia vai determinar a sua legenda, e as brechas do texto que a imagem possa preencher com informações ou representações não são verbalizadas.

Quanto às fontes orais, o principal motivo de sua utilização foi o fato de que as fontes documentais deixavam lacunas e a realização de entrevistas foi uma forma de preenchê-las. Também foram importantes para fazer cruzamento de dados (triangulação).

A História Oral, segundo Thompson (1992) e Delgado (2006), é um procedimento metodológico que registra uma narrativa. Cabe ao pesquisador atuar de maneira a garantir a cientificidade desta opção metodológica. A narrativa registrada a partir de fonte oral está alicerçada na memória. De acordo com Delgado:

a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006, p.15)

Thompson (1992, p.9), ao abordar o uso de fontes orais pelo historiador - história oral como instrumento de pesquisa e como fonte documental -, afirma que “na verdade, seria aconselhável começar pelo trabalho de campo. A experiência prática da história oral conduzirá, por si só, às questões mais profundas a respeito da natureza da história”. O autor esclarece, também, que a utilização de entrevistas como fonte por historiadores profissionais vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos.

As Instituições de Ensino da Arte no Brasil

A arte e o homem são indissociáveis. Desde os primórdios da humanidade até os dias de hoje, e em todos os lugares do mundo, a arte está presente, e nasce nas mais diferentes circunstâncias e pelos mais diferentes motivos. Hoje, na nossa sociedade, existe um *sistema das artes*, que legitima e confere valor ao que é produzido na área. Dentro deste sistema, sendo peça importante dele, está a instituição de ensino de arte. As instituições de ensino de arte, principalmente as de ensino de nível superior, detêm o poder de ditar as regras, de legitimar (ou não) a produção e de determinar o que tem valor e o que não tem.

Essas instituições caminharam, desde sempre, juntamente com a arte (as instituições de ensino da arte constituem uma parte do campo da arte) e têm papel fundamental na produção e legitimação da mesma, nos discursos produzidos a seu respeito bem como na formação do gosto. Conhecer as instituições de ensino da arte nos faz entender melhor a arte, e vice-versa. A Escola de Belas Artes de Pelotas faz parte deste sistema, dentro do qual desempenha o seu papel, principalmente em âmbito regional.

No Brasil, o ensino da arte foi dos primeiros a serem instituídos. Em 1800 foi tomada a primeira medida concreta para a difusão e fixação da arte através de seu ensino sistemático com o

estabelecimento, no Rio de Janeiro, da Aula Pública de Desenho e Figura, por carta régia de 20/11/1800. Antes disso, havia sido ministrado apenas seu ensino elementar e de caráter prático pelas instituições religiosas, e os conhecimentos de desenho arquitetônico e engenharia necessários para subsidiar a atividade militar, vital nas condições da época.

Estudos na área do ensino, como Barbosa (2006), indicam que desde o início do século XIX a educação brasileira apresenta a tendência de priorizar o nível superior, antes mesmo de organizar o ensino primário e secundário. Esta preocupação prioritária com o ensino superior era justificada, na época, com o argumento de que o este seria a fonte de formação e renovação do sistema de ensino como um todo. Consta, nos anais do legislativo brasileiro, em 1870, a seguinte fala de Paulino de Souza: “o ensino superior é fonte do ensino primário”, e “é a universidade que faz a escola”¹. Porém se sabe que a causa principal da importância dada ao ensino superior vinha da necessidade de, durante o reinado e o império, formar uma elite que, além de defender a colônia dos invasores, movimentasse culturalmente a Corte. Assim, o ensino da arte, juntamente com as escolas militares e os cursos médicos, está presente entre as primeiras instituições de ensino superior implementadas no país, ainda durante o reinado².

D. João VI, com o objetivo de proporcionar cultura ao local onde estava sendo instalada a Corte portuguesa, em 12 de agosto de 1816, por decreto, cria a –inicialmente- Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, implantando assim o ensino da arte no Brasil, em caráter oficial. O ensino ficaria a cargo dos artistas da

¹ BRASIL. Congresso. Senado Federal. *Anais*. Rio de Janeiro, 1870, p.3.

² Posteriormente, no fim do séc. XIX, com a preparação para a República, passaram a ser consideradas importantes dentro do sistema educacional as faculdades de Direito, formadoras da elite dirigente do regime republicano. Já nos primeiros anos da República, foi a necessidade de uma elite que governasse o país que norteou o pensamento educacional brasileiro.

Missão Artística Francesa³. Em 5 de novembro de 1826 configura-se a instalação definitiva da Academia Imperial de Belas Artes – como ficou conhecida a Escola Real – instituindo-se um sistema de ensino artístico que iria moldar o desenvolvimento da arte brasileira⁴. Em 8 de novembro de 1890, na emergente República, a instituição é transformada na Escola Nacional de Belas Artes. Em 1931, a Escola passa a integrar a Universidade do Rio de Janeiro e em 1937, a Universidade do Brasil. Em 1965 incorpora-se à Universidade Federal do Rio de Janeiro e passa a se chamar Escola de Belas Artes (EBA/RJ). Pode-se afirmar que, através dos anos, essa instituição constituiu-se em um organismo cultural, centro universitário que se dedica a desenvolver, de forma integral e harmoniosa, a capacidade e a criatividade de seus alunos.

Assim, esta instituição constitui-se como o modelo oficial do ensino das artes no Brasil. Por seu pioneirismo, por localizar-se na então capital do país, por ter professores da Missão Artística Francesa e seguir um modelo europeu, mais especificamente francês. As instituições de ensino superior em arte que foram fundadas posteriormente, em várias localidades do país, tinham como paradigma a Escola do Rio de Janeiro, e este fator tem que ser considerado para que se possa compreender a formação de qualquer instituição de ensino da arte no Brasil, seja por alinhamento, seja por oposição àquele modelo de ensino.

No caso deste trabalho, que se propõe estudar o nascimento de uma instituição específica, a Escola de Belas Artes de Pelotas, temos que levar em consideração que ela se inspirou no Instituto de Artes de Porto Alegre, capital do estado, e na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro, capital do país à época. Como é

³ A Missão Artística Francesa havia chegado ao Brasil neste mesmo ano.

⁴ A arte realizada no país até o momento da implantação da Academia, era ensinada pelos jesuítas e tinha características de um barroco abrasileirado. Com a implementação do ensino na Academia, de caráter neoclássico, houve rompimento com o desenvolvimento desta arte que acontecia no país, dividindo opiniões. A esse respeito, consultar Barbosa, 2006.

natural, os centros maiores e hegemônicos influenciam culturalmente, e ditam as regras para os centros menores e periféricos⁵. Este conhecimento a respeito das origens de outras instituições de ensino da arte é imprescindível para a compreensão dos motivos pelos quais a Escola de Belas Artes de Pelotas se constituiu de determinado modo: sob a influência destes centros geradores de cultura, porém adaptando estes modelos às suas possibilidades e às singularidades da sociedade local, formando assim uma instituição com características únicas.

Assim como ocorreu na origem da atual EBA/RJ, também na origem do atual Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS), está a intenção dos governantes em implementar instituições que dessem conta de um interesse civilizatório, que trouxessem cultura às sociedades onde estavam sendo instaladas. Aqui cabe a afirmação de Bulhões Garcia (1992 p.58), de que “a cada projeto sócio-econômico e político corresponde um projeto estético a ele articulado num processo de mútuo reforço”. Já Simon, (2002) conclui, em seus estudos sobre esta instituição de ensino, que no Rio Grande do Sul o projeto político da Primeira República brasileira deflagrou origem ao IA-UFRGS como projeto estético.

O assim denominado Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul (ILBA-RS), nas suas origens, durante a Primeira República brasileira, foi criado por amadores da arte como culminância do projeto civilizatório formado pelas escolas superiores livres e que constituíram a origem da primeira universidade na região. SIMON (2002, p.21)

Simon afirma, ainda (pp. 76-77), que as origens do ILBA-RS (atual IA/UFRGS) e primeiro curso formal de artes

⁵ Assim, a própria Academia Imperial das Belas Artes brasileira foi implementada a partir do modelo francês, ou melhor, da Academia francesa, com a sua influência artística e estética.

plásticas do estado, “aconteceram num verdadeiro projeto compensatório civilizatório regional republicano”. Isto porque este projeto civilizatório republicano sul-riograndense forçosamente tinha de ir muito além da formulação de novas leis e da sua fundamentação no pensamento filosófico da moda. No dia da fundação do Instituto, 24 de abril de 1908, constava no jornal *Correio do Povo*: “resultado lógico do evoluir da civilização rio-grandense, o Instituto pairava latente na ordem natural das cousas, só a espera que o fiat creador trovejasse do alto, para que elle surgisse de baixo, aparelhado para seus lúcidos destinos”.

Já para a criação da Escola de Belas Artes de Pelotas, mesmo com grande empenho por parte de pelotenses influentes na época, reivindicando a criação de um curso de artes na cidade, não houve interesse nem do governo estadual nem do governo federal, sendo a Escola fundada em caráter particular. Isto vai ao encontro do que é freqüentemente afirmado por historiadores: o fato de que, em Pelotas, as instituições sociais como escolas, hospitais e bibliotecas, assim como as melhorias da infra-estrutura urbana eram conseguidas, até os primeiros decênios do século XX, pela iniciativa e arrojo dos próprios pelotenses, sem auxílio dos governos estadual e federal.

Quando foi fundada a EBA de Pelotas, o Brasil já possuía ensino em nível superior de artes plásticas há 133 anos, e o estado do Rio Grande do Sul há 41. Considerando o seu passado de riqueza material e cultural e seu especial interesse pela cultura, pode-se afirmar que Pelotas tardou em ter a sua instituição de ensino de arte.

Pelotas, a “Atenas do Rio Grande”: o contexto para a criação da EBA

Para que possamos tratar do nosso tema, ou seja, dos fatores que levaram à fundação da EBA em Pelotas no ano de 1949, é imprescindível conhecer aspectos da história da cidade que

abriga a instituição pesquisada – para assim identificar suas peculiaridades, o que a caracteriza e a diferencia das outras cidades do estado e do país. Há que se ter em mente que uma instituição educativa não nasce do nada, é implementada por alguma iniciativa, pública ou privada. E há que ter terreno fértil para que a semente brote e cresça, para que tenha viço. Acreditamos que a cidade, enquanto contexto social, econômico, político e cultural, determina o que nela vai vicejar e o que não vai.

Temos que considerar, primeiramente, o fato de que Pelotas localiza-se em um estado relativamente periférico⁶. É a condição periférica da província rio-grandense em relação aos poderes centrais, além dos campos político e econômico, se dava no campo cultural. O campo artístico, apesar dos esforços de alguns indivíduos, mantinha-se precário. Dentro do campo da cultura e das artes, isto é determinante do tipo de instituição que vai se formar, pois as escolas de arte e seus currículos são “inspiradas” nas áreas hegemônicas, que têm o poder de ditar as regras e estabelecer os valores.

Porém é fato que Pelotas, dentro do Rio Grande do Sul e também fora dele, é conhecida como uma cidade com forte

⁶ Quando a Corte portuguesa se transfere para o Rio de Janeiro, em 1808, o Rio Grande do sul estava em processo de integração, não estava assegurado o domínio de Portugal sobre ele. A população era formada, basicamente, por remanescentes do projeto missionário jesuítico, por grupos indígenas e por homens livres. Africanos, e também índios, viviam como escravos. O Rio Grande do Sul era uma sociedade militarizada, voltada para a expansão e defesa do território. Estancieiros, charqueadores, burocratas (representantes do governo central) e comerciantes configuravam a classe dominante. Em 1822, a independência não modificou o localismo que aqui havia, pois as elites regionais pensavam de modo diferente do dos dirigentes do processo de independência no Rio de Janeiro, havendo muitas tensões (por exemplo, a Guerra dos Farrapos). Na pré-independência, a capitania ainda se ressentia da centralização financeira e político-institucional do Rio de Janeiro. Quando da abolição da escravatura, não havia se formado aqui uma classe de empresários verdadeiramente capitalistas. E com a República, a elite local demorou a buscar uma reorganização produtiva, reforçando a condição periférica da província.

tradição cultural e que tem um gosto, um pendor especial pelas coisas da cultura. Esta fama vem de seu passado, de um período em que houve, realmente, riqueza ímpar em bens materiais e em bens culturais: o ciclo do charque. Magalhães (1993) nos esclarece este ponto em seu trabalho que versa sobre o que seria, em seu entender, o período áureo de opulência e cultura desta cidade:

a historiografia sul-riograndense [...] reconhece que, sobretudo no transcorrer do século XIX e nos primeiros 20 anos do século XX, elaboram-se em Pelotas características sociais peculiares, relacionadas à prosperidade e cultura, dentro do complexo gaúcho. (MAGALHÃES, 1993, p. 53) *grifos nossos*

Pelotas estava, nesta época, identificada de modo especial com a cultura e as artes – era conhecida como a “Atenas do Rio Grande”, em conseqüência do seu singular desenvolvimento econômico e urbano. E, diferentemente da maioria das cidades gaúchas, formou cedo uma sociedade urbana, europeizada, em que as artes, as letras e as ciências eram cultivadas e valorizadas.

Magalhães (1993), em seu estudo, confirma que Pelotas teve um desenvolvimento diferente das outras cidades do estado, quando diz que, para além da “faca assassina” e do mugido dos bois, havia aqui mais civilização e mais gosto pela vida social do que nas outras regiões do estado. Relata que os estrangeiros que aqui chegavam ficavam maravilhados com a civilização que encontravam na pequena cidade, que ficou conhecida, por volta de 1860, como a “Princesa do Sul”.

Este período de opulência, embora tenha terminado nas primeiras décadas do século XX, forja um tipo de sociedade em que as classes dominantes estabelecem valores que permanecem vivos até os dias de hoje, como, por exemplo, o valor dado à sociabilidade e à cultura. Pelotas, de fato, incorporou como definidor de sua identidade a vocação para a cultura e as artes. É nesta cidade que, em 1949, vai surgir a Escola de Belas Artes de

Pelotas. Porque em 1949, não antes, não depois? Isto esta pesquisa se propõe a esclarecer.

Mesmo tendo “vocação” para a cultura, até o séc XIX as atividades artísticas realizadas na região não eram valorizadas como tal, pois eram consideradas trabalho puramente manual, e realizada principalmente pelos índios e pelos negros. Bohns (2005), em sua tese que trata das artes visuais no Rio Grande do Sul, esclarece:

Excetuando-se aquelas das culturas indígenas, as primeiras manifestações artísticas (do estado) desenvolveram-se com mão-de-obra de escravos negros. As diferentes ordens religiosas desempenharam, neste âmbito, um papel fundamental no envolvimento de artistas e artesãos locais, tendo impulsionado um número significativo de obras arquitetônicas, devidamente tratadas pelo labor de pintores, escultores, entalhadores, marceneiros. Ainda no período imperial, quando nem mesmo as profissões liberais estavam consolidadas, as atividades manuais continuaram sendo executadas pelos escravos ou ex-escravos. Como as atividades artísticas tradicionalmente envolviam mais trabalho físico do que intelectual, mesmo depois da abolição da escravatura os negros libertos continuavam a desenvolver trabalhos manuais e artesanais. Neste contexto, a figura do artista, tal como a conhecemos, custou muito a fazer estréia na sociedade gaúcha que fixou inúmeros elementos culturais ainda hoje vigentes. (BOHNS, 2005, p. 7)

Como já vimos, na segunda metade do século XIX Pelotas vivia uma fase de pujança econômica, pois estava no apogeu a indústria do charque. Nesta época forjou-se aqui uma sociedade que, além de possuir riqueza econômica, desenvolveu uma riqueza cultural significativa. A cultura e a educação eram bens muito valorizados. No entanto, na área das Artes Plásticas as atividades eram ainda encaradas de maneira muito pouco profissional. Segundo Magalhães (1993, p.203) “professores de primeiras letras, ou professores de música e desenho, ofereciam

seus serviços solicitando a ‘proteção’ do público – isto porque a remuneração era encarada como um favor, um ato de generosidade”.

Em Pelotas, há dois artistas que se destacam na virada do século XIX para o XX, ambos estrangeiros: Frederico Trebbi, italiano, e Guilherme Litran, espanhol⁷. Segundo Magalhães (1993), vieram para Pelotas retratar figuras importantes da rica sociedade da época, e aqui ficaram e constituíram família. Dedicaram-se a pintar, comercializar suas obras, e também a ensinar desenho, pintura e escultura em aulas particulares. Trouxeram assim sua contribuição para a cultura local, influenciando o gosto e formando inúmeros discípulos. Leopoldo Gotuzzo, grande nome da arte pelotense, foi aluno de Trebbi, assim como Marina de Moraes Pires, futura fundadora da Escola de Belas Artes de Pelotas.

Alunas de Trebbi expuseram na Exposição Brasileiro-Alemã de 1881: D. Maria Francisca Costa, a “Sinhá Costinha”, e D. Honorina Costa (Diário Popular, 1995). Segundo Magalhães (1993), alunos de Trebbi e de Litran também exibiram seus trabalhos na importante Exposição de Belas-Artes de 1885, realizada nos salões da Bibliotheca Pública Pelotense.

⁷ O deslocamento de artistas europeus para países de outros continentes, especialmente para as Américas, está ligado ao processo de periferização que se fazia sentir nos lugares de onde provinham. Esgotadas as possibilidades de trabalho em centros muito disputados, restava ao artista recolher-se para cidades provincianas e, em último caso, migrar para pólos ainda carentes do trabalho de artistas. Uma outra explicação para o fenômeno é que o estilo empregado pelo artista pode ter deixado de interessar ao público comprador, por estar desatualizado. Neste caso, restava-lhe refugiar-se em regiões periféricas, onde os gostos fossem mais conservadores, e seu trabalho pudesse encontrar maior receptividade. Talvez este fenômeno ajude a explicar a significativa representação de estrangeiros radicados no sul do Brasil, que, na medida de suas possibilidades, exerceram importante papel no incentivo das atividades artísticas de tradição européia junto à população gaúcha. (Bohns, 2005, p.24-25)

Em relação ao ensino das artes na cidade, o mais importante acontecimento se deu em 1927, quando o Conservatório de Música de Pelotas, fundado em 1918, passa a ser o Instituto de Belas Artes, para atender a demanda por aulas de desenho e pintura. A instituição teve seus estatutos baseados nos do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, e a orientação era dentro dos estilos neoclássico, acadêmico e eclético, consagrados pela Escola Nacional de Belas Artes. O ensino de desenho e pintura ficou a cargo do pintor portoalegrense João Fahrion de 1927 a 1930. Quando este deixou de lecionar em Pelotas, foi substituído por Adail Bento Costa, pintor pelotense e figura de destaque em prol do desenvolvimento artístico-cultural da cidade. O Instituto de Belas Artes de Pelotas, desde a sua fundação, conviveu com grandes dificuldades financeiras. Em 1937 foi municipalizado, voltando a chamar-se Conservatório de Música. Foram, então, encerrados os cursos de desenho e pintura. Portanto, a tentativa de dotar Pelotas de um curso regular de artes visuais foi frustrada. A cidade só alcançou este objetivo no ano de 1949, com a fundação do seu curso profissionalizante em artes plásticas, a Escola de Belas Artes de Pelotas.

Com a tradição de Pelotas no âmbito cultural, pelo valor que sua sociedade dava às artes, não seria de se estranhar que a cidade possuísse uma instituição de ensino na área de artes plásticas. Como já afirmamos, Porto Alegre possuía sua instituição de ensino superior em arte desde 1908; o Rio de Janeiro, sua Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios desde 1816. Pelotas, se considerarmos o nível de seu desenvolvimento econômico e social desde meados do século XIX, até tardou em possuir uma instituição de ensino de nível superior na área das artes visuais. O próprio Conservatório de Música de Pelotas foi fundado em 1918, trinta e um anos antes da EBA.

Como se dá o nascimento da Escola: O processo de criação da EBA

No plano histórico, uma instituição educativa é uma complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos, mediante papéis e representações diferenciados, entretecendo e projectando futuro(s), (pessoais), através de expectativas institucionais. É um lugar de permanentes tensões. As instituições educativas são projectos arquitectados e desenvolvidos a partir de quadros sócio-culturais. (MAGALHÃES, 1998, p.61-62)

Pelo valor dado desde sempre pela sociedade pelotense à cultura e, por conseguinte, às artes, seria de se esperar que a cidade possuísse uma escola de artes plásticas. Porém, ia findando a primeira metade do século XX e ainda não havia em Pelotas o ensino formal do desenho, da pintura e escultura.

As coisas começaram a acontecer no ano de 1946. Foi D. Marina de Moraes Pires, Professora do Instituto de Educação Assis Brasil, que começou efetivamente a trabalhar para que a cidade conseguisse ter a sua escola de artes. Ou seja, mesmo que a fundação do curso fosse uma demanda da sociedade de um modo geral, não há dúvida de que a ação individual fez a diferença. Trazendo o pensamento de Elias:

A interpretação da singularidade de um acontecimento, objeto da historiografia, demanda a investigação e análise da figuração social dos indivíduos, suas relações e redes de interdependência, de modo a permitir a compreensão de sua existência singular e a dinâmica de mudanças e rupturas. (ELIAS apud FARIA FILHO, 2005, p.143)

O poder público municipal, na pessoa do prefeito, Dr. Procópio Duval Gomes de Freitas, dá apoio à iniciativa.

Assim, em julho de 1946, D. Marina viaja ao Rio de Janeiro portando ofício, assinado pelo prefeito, destinado ao

Ministro da Educação da época, Dr. Ernesto de Souza Campos. A presença de D. Marina na capital tinha como objetivo conseguir, junto ao ministro, apoio no sentido de “conseguir junto ao governo federal a concessão de uma Escola de Belas Artes para Pelotas, nos moldes das escolas congêneres do País”, conforme o documento.

Justificando a pretensão, no documento acima referido consta que a criação do curso corresponderia a um justo desejo dos pelotenses, pois “a pintura e a escultura continuam sem orientação eficaz, muito embora Pelotas possa apresentar artistas importantes como Leopoldo Gotuzzo, Adail Bento Costa e Antônio Caringi”. E, diferentemente da música e do canto, que são atendidos pelo Conservatório de Música, a cidade não possuía uma instituição de ensino que contemplasse as artes plásticas. É alegado que a cidade é ponto de convergência de vasta zona do estado, onde grande número de moços vem procurar aprimoramento intelectual, e que muitas vocações perecerão na falta de tal instituição.

Em agosto chega a resposta do ofício encaminhado ao ministro. Note-se que esta correspondência (oficial) é dirigida ao prefeito, enviada para a prefeitura. Entretanto neste documento há, escrita pelo próprio punho do Dr. Procópio, mensagem enviando-o para D. Marina, em seu endereço residencial. Com isto comprova-se que mais do que à prefeitura, é à D. Marina que diz respeito esta resposta.

Neste documento é comunicado que a criação de escolas de ensino superior é regulada pelo decreto-lei nº 421, e é necessária autorização prévia do Governo Federal para que possam funcionar:

A autorização deverá ser solicitada ao Ministro de Estado da Educação e Saúde e deverá o requerimento ser acompanhado de documentação que prove a satisfação das exigências do artigo 4º do referido decreto-lei, que são: 1- prova de personalidade jurídica: certidão de registro da sociedade em cartório e estatutos da sociedade; 2- prova de capacidade financeira: balanço (ativo, passivo,

demonstração de contas com despesas gerais e lucros e perdas); 3- edifícios e instalações: planta baixa e fotografias do edifício e relação do material didático; 4- relação do material escolar e de secretaria; 5- relação do pessoal (diretor, secretário, tesoureiro e contador, sendo que este deve ser registrado na D.E.C.); 6- regimento interno da escola; 7- curriculum vitae do corpo docente; 8- limite de matrícula para cada série; 9- condições culturais da localidade; 10- real necessidade do curso.

Não sendo possível satisfazer todas as exigências, no ano seguinte, em 1947, outra tentativa foi feita por D. Marina, desta vez junto à Secretaria da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Em 31 de dezembro de 1947, D. Marina e D. Osmânia Vinhas de Campos⁸ foram portadoras de carta, enviada pelo então deputado estadual Dr. Duval, ao Secretário de Educação e Cultura Dr. Eloy da Rocha, pedindo apoio à criação do curso.

Em 12 de janeiro de 1948 um plano foi feito e enviado à Secretaria a pedido de Dr. Enio de Freitas e Castro (Superintendente do Ensino Artístico), no qual era solicitada verba para três professores. Já em 1949, tendo conseguido somente promessas e postergações, sem solução alguma de parte do Estado, com pequeno auxílio proporcionado pela prefeitura, o curso é criado em caráter particular.

Não podemos deixar de considerar, neste processo de criação da Escola de Belas Artes, além do contexto favorável (pois como já foi afirmado os pelotenses valorizavam as artes) e do empenho de D. Marina, a importante, talvez decisiva, participação da figura do pintor italiano Aldo Locatelli, que, em janeiro de 1949, convidado Dona Marina, aceita ministrar aulas no curso que ela pretendia formar.

É oportuno lembrar que no momento da fundação do Curso, a cidade de Pelotas não mais era caracterizada pela

⁸ Amiga de D. Marina, professora e vereadora do município de Pelotas.

opulência econômica que tivera no passado. Porém, tendo perdido poder econômico, seguia cultivando, talvez até com maior intensidade, o interesse pela cultura. Possuir instituições culturais manteria a cidade em um nível que a distinguiria de outras localidades e reforçaria o mito de cidade cultural no contexto gaúcho e brasileiro. Não mais possuindo importância econômica, tentaria compensar este fato através de bens simbólicos.

D. Marina de Moraes Pires e ALDO locatelli: Figuras fundamentais para a criação da EBA

Ao ser iniciada esta pesquisa, “D. Marina de Moraes Pires” era somente um nome. Sim, foi D. Marina de Moraes Pires quem fundou a instituição. Mas quem foi a D. Marina? Quem foi esta pessoa, esta mulher? Que lugar social/cultural ocupava? O que se tinha era um conhecimento vago e superficial sobre esta importante figura.

A Escola de Belas Artes de Pelotas não “caiu do céu”, não foi implementada por iniciativa dos governos dentro de um projeto civilizatório, como aconteceu no caso da EBA do Rio de Janeiro e do Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre. Tampouco começou com as facilidades que poderiam advir do fato de ter surgido em uma cidade que tem como característica principal a valorização da cultura. O nascimento da EBA se deu como resultado de grandes esforços e superação de obstáculos de várias ordens.

D. Marina de Moraes Pires foi aquele tipo de pessoa que “fez a diferença” na comunidade em que viveu. A “Atenas do Rio Grande”, a “Princesa do Sul”, teve que esperar pela iniciativa e pelo empenho de D. Marina para finalmente ter a sua Escola de Belas Artes.

A atuação desta personalidade múltipla aconteceu durante todo o período pesquisado. Nos documentos escritos, oficiais ou não, nos depoimentos das pessoas entrevistadas e nas

notícias dos periódicos da época, aparece a importância e o grau de participação de D. Marina nos primórdios da instituição.



Figura 1 - Retrato em óleo sobre tela de D. Marina de Moraes Pires.

Esta obra é de autoria de Aldo Locatelli, artista italiano que foi o primeiro professor de pintura da Escola de Belas Artes.

Fonte: acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

A análise dos documentos escritos que se encontram nos arquivos sob a guarda do Malg comprova: desde o primeiro documento relacionado ao longo processo de tentativas de implementação do curso através do poder público, com data de 1946, a fundamental atuação de D. Marina. E seu nome continua, presente, onipresente, em todos os momentos, dos mais importantes aos mais triviais. Os telegramas de felicitações enviados na data da fundação do curso são endereçados à D. Marina. No dia 8 de março de 1949 é publicado no Diário Popular um aviso aos interessados em realizar matrícula no Curso

Preparatório para a Escola de Belas Artes. O endereço, Rua Dr. Berchon n° 2, é a casa de Dona Marina.

No discurso proferido pela aluna Yeda Louzada no dia da inauguração da primeira exposição de trabalhos da Escola, no final de 1949, há agradecimentos às personalidades importantes:

impossível torna-se ainda, deixar de referir-me, à respeitosa diretora, a nossa querida D. Marina, pelos esforços incontáveis, que tem realizado, numa luta incessante para adquirir o de melhor para a nossa Escola; enfim pelo seu interesse, carinho e dedicação, qualidades estas, que ressaltam do seu formoso caráter e que ela distribui à mãos cheias, a todos indistintamente. À ela como retribuição de nossos corações agradecidos oferecemos a nossa perene amizade.

Contudo, foi através das entrevistas realizadas que a figura de D. Marina realmente surgiu, vívida, através da grande admiração que as entrevistadas, sem exceção, demonstraram por ela. Nota-se claramente através das falas das entrevistadas que D. Marina representou para elas uma pessoa muito especial, com um sonho, um ideal de vida que era proporcionar à cidade de Pelotas uma Escola de Belas Artes de nível superior.

Maria Luiza, uma das entrevistadas, começa dizendo: “Dona Marina é a figura mestra de tudo”. “A escola é o resultado do esforço dela”. Sobre os primeiros anos de funcionamento, aponta que no início era “uma composição meio de grupo, como em família, que todos se davam muito bem”. Afirma que “com aquele jeito dela, sempre arrumadinha, sempre impecável, era mesmo uma batalhadora incansável”.

Outra depoente, Yedda Machado Luz, relata que D. Marina, quando dava aulas na Escola Assis Brasil, começou a sentir falta de um estabelecimento que desse continuidade àquele princípio que tinha lá. Que foi aí que ela teve a inspiração. A depoente demonstra encantamento com “a escola como Dona Marina organizou... foi uma abnegada... um amor, uma paixão

que ela tinha pela escola!”. Para lá, ela levou muita gente do Assis Brasil.

Já a antiquária Luciana Reis⁹, começa a entrevista dizendo: “A Escola de Belas Artes é um sonho da Dona Marina”. E continua: “Dona Marina de Moraes Pires, que foi colega do Leopoldo Gotuzzo”. Os dois teriam sonhado com um estudo diferente em arte. Então, Luciana diz que a Dona Marina lecionava desenho no Assis Brasil e conseguiu emprestada uma sala, que logo se mostrou insuficiente, diz que esta foi só uma tentativa... Mais adiante na entrevista, após abordar diversos outros assuntos, volta a falar da fundadora dizendo que a Dona Marina queria oferecer para a cidade um curso de Belas Artes. Quase ao final da sua fala arremata: “A EBA é um sonho da Dona Marina tornado realidade”.

Therezinha Röhrig, que foi aluna da D. Marina no Assis Brasil, relata:

A Dona Marina dava aula de desenho artístico, no Assis Brasil, onde eu me formei. Nós tínhamos aula à tarde, parece, de pintura. Acho que era para quem queria fazer. Mais eu, adorava, não é? Naquela época para fazer aula tinha que ter o talento. No Assis Brasil, tinha a turma que fazia pintura. Tinha alunos talentosos.[...] Ela, quando via que um aluno tinha talento, ela estimulava aquele aluno. E o ideal dela, acho que da vida inteira dela, foi criar uma Escola de Belas Artes em Pelotas. E conseguiu, sim. Graças ao ideal, àquela força dela, àquela vontade que ela tinha. (THEREZINHA RÖHRIG, 2007)

Therezinha argumenta que o professor tem que educar desde o momento em que entra em sala de aula. E que a Dona Marina ensinava a se portar, a se vestir. “Aprendi muita coisa com ela, muita coisa”. Diz que ela era uma pessoa requintada, e que já

⁹ Luciana é casada com Luis Reis, sobrinho de Dona Marina. Algumas vezes referiu-se a ela como “tia” Marina.

era uma senhora quando foi sua professora no Assis Brasil. Acrescenta que ela foi uma figura fantástica na cidade. E que era “finérrima”. Que ela não alterava a voz. Que “ia lá, lutar por essas coisas, sem alterar a voz, nada. Podes ter certeza. E sempre elegante!”.

Ao que parece, o advento da instituição foi, realmente, a concretização do sonho desta professora de desenho do Instituto de Educação Assis Brasil¹⁰, com o apoio e a participação de um grupo de pessoas que compartilhavam os mesmos valores¹¹ e acreditavam na importância de a cidade de Pelotas possuir um curso em nível profissional de formação em artes plásticas.

D. Marina tinha o hábito de anotar em um diário as atividades realizadas por ela. Tratava-se de um diário íntimo, como costumam ser os diários femininos. Sucede que no caso de uma mulher como ela, com uma atuação tão importante na esfera pública, este diário pode ser visto de forma diferente. Segundo a historiadora Maria Teresa Santos Cunha, os diários, ou, no caso deste trabalho, trechos do diário, podem ser problematizados pelo historiador que os qualifica e ressignifica como fonte/documento de um tipo ainda pouco utilizado na pesquisa histórica (CUNHA, 2007). O fato de Dona Marina ser a fundadora da Escola de Belas Artes de Pelotas, importante instituição educacional em atividade e com importantíssima atuação até hoje faz com que trechos do seu diário extrapolem a esfera íntima e entrem para a posteridade, dando conhecimento público à sua atuação. Estes trechos de diário, relativos especificamente ao processo de formação da Escola de Belas Artes, fazem parte da vida pública, e não só da vida privada da autora, pois é o relato de suas ações públicas. Parece mesmo que ela, ao escrevê-lo, o fez para a posteridade....

¹⁰ Instituição criada em 1929 como escola complementar, passa depois a funcionar como IEAB e existe até hoje

¹¹ Grupo de mesma classe social, com identidade de interesses.

Estas anotações fazem com que possamos ter uma idéia do trabalho expendido e das dificuldades que foram enfrentadas para a realização do empreendimento. É significativo o fato de a pessoa que assumiu tal missão ser uma mulher, mãe de família¹², nascida no final do século dezenove. Em notas do seu diário, lê-se:

Prometi às minhas alunas da Escola Assis Brasil (onde conseguimos uma salinha pequena para pintura que apelidamos: um pedacinho do céu, onde trabalhavam apenas as melhores alunas) de que conseguiria para Pelotas uma Escola de Belas Artes.

Ao que parece, mesmo que a fundação do curso fosse uma demanda da sociedade de um modo geral, não há dúvida que a ação individual fez a diferença. No diário de Dona Marina estão também anotadas algumas providências tomadas para que a Escola pudesse vir a existir:

17/01/1949: Estive ontem na Catedral falando aos pintores que estão decorando-a, sôbre se poderiam tomar conta de uma cadeira de pintura no curso que pretendemos criar.

Aceitaram como uma retribuição às muitas gentilezas aqui recebidas. Imediatamente fui com D. Noemia e Therezinha Röhrig ao Bispado pedir autorização ao Sr. Bispo, visto haver um contrato entre êle e os pintores. Resposta foi satisfatória com os melhores votos.

Neste momento de formação do Curso, Locatelli, assim como todos os professores, aceita dar aulas sem remuneração. Posteriormente, Locatelli passa a receber uma pequena quantia. Ainda no diário, no dia 02/03/1949, lê-se o seguinte:

Falei com Dr. Duval, prefeito, que prometeu ajudar mas não criar o Curso. Procurando sala para o Curso:

¹² São sete filhos: Gilka, Inácio Luís, Claro, Rosina, Ney, Plínio e Milton.

Caixeiral nega. Locatelli confirma o prometido dizendo que o curso seria “com muita serietà”.

Osmania apresenta Ary Alcântara – secretário de Arthur – que me promete um auxílio de até 300 mil para o Curso; disse considerar vantajoso se fossemos anexados ao Conservatório. À tarde falei com o Prof. Milton que informou que seria vantajoso se a verba viesse em nome do Conservatório.

Demasiada procura de matrículas.

Visita ao prefeito Duval que perguntou quem auxiliaria o Curso, se seria o Estado? Havia esquecido o combinado anteriormente.

Discutimos amavelmente e ficou resolvido que enviaríamos um ofício à prefeitura pedindo CRS 20.000,00 para o Curso (concederam CRS 12.000,00), ainda tive o prejuízo dos óculos partidos.

À noite do dia 12 fui à casa do Dr. Duval, aniversário de Lolita e fui informada que o Prof. Milton pretendia CRS 1.800,00 – sendo CRS 1.200,00 do Governo Federal e CRS 600,00 da Prefeitura.

Organizando lista de convites para inauguração do Curso. Tencionamos que seja dia 19, sábado.

Na realidade, estes trechos de diário mais parecem relatórios referentes ao processo de formação da EBA. Eles jogam luzes sobre vários pontos e reforçam a idéia de atuação “em várias frentes” por parte de D. Marina. Ela freqüentava a casa do prefeito, Dr. Duval, pois foi lá, “no aniversário de Lolita”, que

soube da pretensão por verbas do Professor Milton de Lemos (do Conservatório de Música) para a Escola. Este fato deixa clara a sua proximidade ao poder executivo municipal. Sua amiga Osmânia era vereadora e apresentou-lhe Ari Alcântara, na época secretário de Arthur¹³ e, posteriormente, prefeito de Pelotas, que promete auxílio de até 300 mil para o curso. Também comprovase que foi iniciativa dela ir falar com os italianos que decoravam a Catedral para pedir que ensinassem pintura no curso de arte. Eles aceitam, e imediatamente ela e amigas dirigem-se ao Bispado para pedir permissão ao Bispo Dom Antonio Zattera, que concede e ainda “com os melhores votos”. Visita o prefeito, certamente na prefeitura, para pedir verba. Negocia o valor da verba. Procura sala para o curso. Recebe negativas. Consegue uma sala. Faz matrículas para o curso. Dá aulas no Assis Brasil. Organiza lista de convites. Arruma o salão da Biblioteca, onde se dará a cerimônia de inauguração. Encomenda livro de Atas. Busca o livro de Atas. Busca D. Osmânia em casa. Participa da inauguração do Curso, recebe homenagens. Tudo corre, segundo a própria, “às maravilhas”. Ao finalizar o dia, registra tudo no seu diário:

19/03/1949: Grande dia:

Fui à livraria buscar o livro de atas encomendado com letras de ouro...

Fui buscar Osmânia às 7:30 horas e quando chegamos à biblioteca já lá estavam muitos convidados.

Aberta a sessão, a banda, gentilmente cedida pela brigada tocou o Hino Nacional; passei a presidência ao Dr. Duval declarou não ser êle o pioneiro como dissera ela e sim nós duas. Mais algumas palavras para encerrar a sessão. O Prof. Paula Alves leu a ata que as pessoas presentes assinaram.

¹³ Deputado Artur Souza Costa

Assim nasceu a Escola de Belas Artes de Pelotas.
(NOTAS DO MEU DIÁRIO, 1949, p.2)

Ao examinar os jornais da época pode-se confirmar o nome de Dona Marina presente em todas as matérias a respeito da possibilidade de Pelotas possuir uma Escola de Belas Artes e, posteriormente, na quase totalidade das matérias a respeito das atividades da nova Escola.

No Diário Popular de 10/03/1964 há um texto assinado por Franco Villa¹⁴ que trata de forma muito interessante a Instituição e a fundadora. O autor começa o artigo dizendo que o celebrado 15º aniversário da EBA suscita “uma meditação sociológica em torno do papel da mulher no manutenção da cultura”. Diz que há poucos anos lera artigo na revista argentina “Atlântida” em que era destacado um fato que se vinha evidenciando mais e mais: que devido aos afazeres econômicos intensivos a que se dedicavam os homens platinos, eles vinham deixando de lado o aprimoramento cultural, tarefa a que se vinham entregando mais completamente as damas buonaireses. Traça, então, paralelo com a situação da EBA:

Aqui entre nós há sinais de fatos semelhantes aos apontados. Eis a Escola de Belas Artes de Pelotas fundada por D. Marina Moraes Pires e mantida graças à sua têmpera de mulher pertinaz em seus propósitos de dotar sua cidade natal de um ambiente sério onde se processasse o cultivo das Artes Plásticas.

É sabido que não lhe faltaram maus momentos que teriam posto por terra um espírito menos galhardo. Promessas de verbas e postergações de subvenções pareciam constituir a resposta aos seus esforços administrativos. (DIÁRIO POPULAR, 10/03/1964)

¹⁴ Pseudônimo de Francisco Vidal Dias da Costa, psicólogo e cronista de arte, que colaborou sistematicamente por cerca de 50 anos no Diário Popular.

A procura por esclarecimento acerca do momento de nascimento do tão sonhado Curso de Belas Artes em nível superior, acontecido finalmente no início de 1949, depois de tantas tentativas e dificuldades, nos leva a considerar a influência de um outro fator, que, provavelmente, foi decisivo neste processo. Bohns, (2005, p. 248) chama de elemento catalisador: a presença na cidade do pintor italiano Aldo Locatelli.

Aldo Danielle Locatelli veio para o Brasil em 1948, diretamente a Pelotas, a convite do Bispo Dom Antonio Záttera, para pintar os murais da Catedral São Francisco de Paula, que estava sendo reformada. A sua indicação fora feita pelo núncio apostólico de Paris, amigo de D. Antonio, que mais tarde se tornaria o papa João XXIII. O artista estava instalado há pouco tempo, e realizava seu trabalho na Catedral da cidade quando, em janeiro de 1949, convidado por Dona Marina, aceitou ministrar aulas no curso que ela pretendia formar. Disse que aceitava como uma retribuição às muitas gentilezas aqui recebidas.

Isto, sem dúvida, aumenta exponencialmente a importância do ensino que seria proporcionado pela Escola. Obviamente, um professor europeu, do calibre de Locatelli, atraía interesse e agregava valor ao curso. O “velho mundo” e sua cultura estavam representados por um professor do curso. Quem fosse aluno do curso, seria aluno do Locatelli. Quem expunha, eram seus alunos. Quem visitava as exposições, via os trabalhos dos alunos de Locatelli, e até os dele próprio, que expunha alguns trabalhos junto aos alunos. Assim, é impossível separar o início da EBA e os seus primeiros anos da figura do seu importante professor de desenho e pintura.



Figura 2 - O pintor e professor Aldo Locatelli (sentado, ao centro) com alunos da primeira turma da EBA no dia da formatura. Fonte: arquivo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

Aldo Daniele Locatelli nasceu em Villa D'Almé, Bérghamo, Itália, em 1915, em família humilde. Na infância, ficara impressionado com a restauração da igreja de sua terra natal. Em 1931, iniciou um curso de decoração, onde teve contato com obras de Rafael, Botticelli, Miguelangelo e outros grandes pintores. Entrou para a Academia de Carrara, em Bérghamo, diplomando-se em Pintura em 1935. No mesmo ano, recebeu bolsa de aprimoramento na Escola de Belas-Artes de Roma. Exercia suas atividades como pintor e muralista. Na Itália tem pinturas na Igreja de Santa Croce (Bérghamo) e Santuário de Nossa Senhora dos Remédios e Santuário della Guardiã (Gênova), no Colégio da Consolata e no Santuário de Nossa Senhora Pompéia (Milão). Em 1941 foi convocado para a segunda guerra mundial. Em 1948, quando trabalhava na Catedral de Gênova, é convidado pelo Bispado de Pelotas para pintar a sua Catedral.

Aldo trabalhou em Pelotas na decoração da Catedral São Francisco de Paula¹⁵, e, ao aceitar atuar como professor da Escola de Belas Artes da cidade, contribuiu grandemente para a sua implantação e para seu sucesso. Pretendia voltar à Itália, mas não o fez, pois rapidamente afeiçãoou-se à cidade e ao estado. Trouxe sua esposa, teve filhos, e tornou-se professor do Instituto de Artes da UFRGS.

Em 1950 passou a residir em Porto Alegre. No ano seguinte, inicia trabalho – a Via Sacra – na Igreja de São Pelegrino em Caxias do Sul, RS, onde tenta se distanciar do academicismo. A Via Sacra, composta de quatorze telas, é concluída em 1960. Pinta também, neste período, o altar da Capela do Santo Sepulcro e a Capela do Convento das Carmelitas. Realiza muitos outros trabalhos em cidades do interior e na capital do estado¹⁶. Desempenha também importante papel como professor do Instituto de Artes da UFRGS. Veio a falecer em 03/09/1962, em Porto Alegre, RS, aos 47 anos, provavelmente vítima da constante inalação de cheiros de produtos químicos das tintas utilizadas.

Considerações Finais:

A conjunção de fatores que levaram à fundação da Eba

O trabalho com as fontes obtidas para a realização desta investigação histórica, que pretende esclarecer como se deu a constituição da Escola de Belas Artes de Pelotas em 1949, nos indica que o advento da Escola de Belas Artes de Pelotas se deu

¹⁵ Um afresco de cerca de 800 metros quadrados, tendo como tema a vida do fundador da Ordem dos Eremitas de São Francisco.

¹⁶ Para maiores informações sobre a obra de Aldo Locatelli, vide ROSA, Renato; PRESSER, Décio. Dicionário de Artes Plásticas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1997; PONTUAL, Roberto. Dicionário das Artes Plásticas no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

naquele momento por uma combinação de fatores, como é comum nos acontecimentos históricos.

Estes fatores seriam, primeiramente, a vocação da cidade para a cultura, produto de uma história peculiar, com riqueza ímpar em bens materiais e culturais ao final do séc. XIX e início do séc. XX. Para os pelotenses, que davam grande valor à cultura e as artes, a fundação de uma Escola em nível superior de ensino de arte, além de motivo de entusiasmo e satisfação, era uma maneira de compensar as perdas que aconteciam nas áreas econômica e política e recuperar importância.

Porém este fator sozinho não dá conta de explicar o surgimento da Escola, pois estas características da sociedade local existiam há muito tempo, e se aproximava a metade do século XX sem que Pelotas possuísse a sua instituição de ensino de arte. Então, entram em cena indivíduos que “fizeram a diferença”. A iniciativa e o empenho de D. Marina de Moraes Pires foram a arrancada inicial e o fator principal para a constituição da Escola: sua energia e vontade férrea nunca esmoreceram, ela não desistiu de seu sonho de proporcionar à cidade a Escola mesmo após muito tempo de luta, em que recebeu, em resposta a sua pretensão de conseguir junto aos governos a concessão de uma escola de arte para a cidade, apenas promessas e postergações. Foram anos de viagens, salas de espera, pedidos e conversas.

Soma-se, então, a estes fatores a presença do pintor italiano Aldo Locatelli na cidade, contratado pelo bispado para pintar os murais da Catedral São Francisco de Paula. O fato de este artista europeu ter aceito, a convite de D. Marina, lecionar no curso que ela pretendia fundar foi o impulso que faltava para que, finalmente, Pelotas tivesse a sua sonhada Escola de Belas Artes, fundada então em caráter particular. A EBA inicia suas atividades com absoluto sucesso e se constitui, ao longo do tempo, em parte importante da história cultural da cidade.

Referências

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de Papel: a imprensa e a história da educação. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs). *Novos Temas em História da Educação Brasileira*. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. (coleção memória da educação)

BOHNS, Neiva Maria Fonseca. *Continente Improvável: Artes Visuais no Rio Grande do Sul do final do século XIX a meados do século XX*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Instituto de Artes/ Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, 2005. Tese (Doutorado)

BULHÕES GARCIA, Maria Amélia. Modernidade como projeto: mudança e conservação. In: *A Semana de 22 e a emergência da modernidade no Brasil*. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 1992. pp. 58-61.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural - entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

CUNHA, Maria Teresa S. Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro. *Patrimônio e Memória (UNESP. Online)* v.3, p. 1-18, 2007.

DELGADO, Lucilia de Almeida. *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOFF, Jacques Le. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FARIA FILHO, Luciano Mendes (org). *Pensadores Sociais e a História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a Memória e o Arquivo*. Braga: Universidade do Minho, 1996.

_____. *Fazer e ensinar história da Educação*. In: *Fazer e ensinar história da Educação*. 1ª Ed. Braga: Lusografe/Universidade do Minho, 1998. p. 9-33

_____. *História das Instituições Escolares e das Práticas Educativas*. Braga: Universidade do Minho, 2000.

MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - Um Estudo Sobre a Cidade de Pelotas (1860 - 1890)*. 2º ed. Pelotas: Editora da UFPel-Livraria Mundial, 1993.

RAGAZZINI, Dario. *Para quem e o que testemunham as fontes de História da Educação?* In *Educar em revista* n° 18 Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 13-28

SANFELICE, José Luiz. *História de Instituições Escolares: Apontamentos Preliminares*. *Revista HISTEDBR ON-LINE*, n° 8, outubro de 2002. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html>

SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs). *História e História da Educação / O Debate Teórico- Metodológico Atual*. 2ª ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

SOUSA, Cynthia e CATANI, Denice B. (orgs.). Práticas Educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente. São Paulo: Escrituras, 1998.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado: História Oral. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. História das Instituições Escolares: de que se fala? In: I Jornada do HISTEDBR - Região Sul: História, Sociedade e Educação no Brasil, 2002, Ponta Grossa. p. 1-16.

Clarice Rego Magalhães é doutoranda do PPGE/FAE/UFPEL – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Membro do grupo de pesquisa CEIHE – Centro de Estudos e Investigações em História da Educação. Bolsista da CAPES. E-mail: claricemagalhaes@terra.com.br

Giana Lange do Amaral é professora Adjunta da FAE/UFPEL – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas – no Departamento de Fundamentos da Educação, atuando junto ao Programa de Pós-Graduação na linha de pesquisa Filosofia e História da Educação. Coordena o grupo de pesquisa CEIHE – Centro de Estudos e Investigações em História da Educação. E-mail: giana@ufpel.edu.br

Recebido em: 10/02/2010

Aceito em: 10/06/2010